

Os colonos da indústria calçadista: a expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul*

*Sérgio Schneider***

1 - Introdução

Este trabalho analisa as novas relações de trabalho que emergem de dois processos sociais distintos, que desarticularam o modo de vida e o tradicional sistema produtivo camponês dos colonos de origem teuto-brasileira da região de colonização alemã antiga do Rio Grande do Sul. Analisam-se as transformações sociais, econômicas e culturais que apareceram nas Microrregiões do Vale do Sinos, Encosta da Serra, Vale do Caí e Vale do Taquari a partir da década de 70.

Desse período em diante, ao mesmo tempo em que a agricultura familiar dos colonos sofreu significativas alterações no processo produtivo e na organização do trabalho, o processo de industrialização difusa do setor coureiro-calçadista passou a atrair de forma crescente a força de trabalho ligada à agricultura. Surgiu daí uma articulação social e econômica entre a industrialização difusa e as transformações da agricultura familiar, da qual emergiram novas formas de trabalho e novas formas de produção. As novas

* Neste trabalho discutem-se as principais questões desenvolvidas na dissertação de mestrado do autor. Para maiores detalhes, consultar Schneider (1994).

** Professor Assistente do Departamento de Sociologia da UFRGS. Mestre em Sociologia pela UNICAMP e Doutorando em Sociologia na UFRGS.

formas de trabalho compreendem desde o assalariamento direto da força de trabalho originária do meio rural até as estratégias peculiares de obtenção de rendas extra-agrícolas por parte de membros das famílias de agricultores. Apareceram, também, novas formas de organização da produção. Os colonos substituíram a atividade agrícola policultora pela acaciocultura. As indústrias, visando ampliar a acumulação de capital, descentralizaram suas unidades de produção para o meio rural e repassaram a terceiros e a subcontratados a execução de determinadas fases do processo de produção industrial.

As informações apresentadas nesta pesquisa foram obtidas mediante utilização de um aparato diversificado de técnicas de investigação e coleta de dados. Utilizou-se a reconstituição histórica para analisar o modo de vida dos colonos, complementando as informações com entrevistas semidiretas. Os entrevistados foram escolhidos segundo o critério de representatividade da situação social a ser investigada e de acordo com os recursos disponíveis.¹ Além das entrevistas, recorreu-se a fontes de dados secundários, coletados por outros investigadores.

Este trabalho se divide em cinco partes. Na primeira, discutem-se as características da sociedade colonial teuto-brasileira no Rio Grande do Sul e os mecanismos sociais e econômicos que levaram à desarticulação do **modo de vida** colonial. A seguir, analisa-se o processo social de **industrialização difusa**, responsável pelas transformações ocorridas no setor coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul. A análise apresentada nessa seção demonstra como a industrialização difusa gerou mudanças na estrutura social e econômica da região estudada, articulando-se com as novas formas de reprodução dos agricultores familiares. Na terceira parte do trabalho, enfocam-se as transformações na agricultura familiar dos colonos, mostrando que, enquanto uma parcela significativa da agricultura gaúcha se modernizou (na região noroeste do Estado através do **fenômeno soja**), na região da antiga Colônia Velha o tradicional sistema agrícola colonial permaneceu estagnado, sendo desarticulado pela emergência da *part-time farming* e pelo desenvolvimento da acaciocultura a partir da década de 80. Na quarta seção,

¹ Em alguns casos, essas entrevistas foram realizadas em língua alemã e traduzidas pelo pesquisador para o vernáculo luso-brasileiro, respeitando-se a linguagem coloquial.

demonstra-se como esses dois processos sociais transformaram a estrutura produtiva, alteraram o conteúdo das relações sociais e modificaram a paisagem rural-camponesa da antiga zona colonial gaúcha através de uma peculiar articulação entre o processo de industrialização difusa do setor coureiro-calçadista com a agricultura familiar. Essa articulação se deu ao nível das novas relações sociais de trabalho e das estratégias de reprodução social e econômica dos colonos e das fábricas de calçados. Por fim, na conclusão, apontam-se as prováveis conseqüências da penetração das indústrias do setor coureiro-calçadista no espaço rural-agrícola. A partir das noções de periurbanização e de pluriatividade, tecem-se algumas considerações acerca das novas formas de regulação do espaço e do trabalho, que parecem estar entre as conseqüências mais notáveis das transformações estruturais ocorridas na região estudada, desde os anos 70.

Com este trabalho, pretende-se contribuir para o conhecimento sociológico das transformações sociais e econômicas que vêm modificando as estruturas agrárias gaúcha e brasileira nas duas últimas décadas. A diversidade e a complexidade das relações de trabalho e de produção mostram quão dinâmicos são os processos sociais e econômicos aos quais vem sendo submetida a agricultura. A reflexão a seguir apresentada constitui-se num argumento a favor da pluralidade de formas de trabalho que podem adequar-se a ambientes sociais e econômicos e satisfazer de modo variado os interesses dos indivíduos que delas obtêm sua sobrevivência. Reconhecer essa diversidade, interpretá-la e compreendê-la é uma tarefa que cabe aos estudiosos da agricultura e do mundo rural.

2 - Campesinato e modo de vida: o sistema colonial teuto-brasileiro

A colonização alemã no Rio Grande do Sul iniciou-se no ano de 1824, quando chegaram à Real Feitoria do Linho Cânhamo, onde hoje está situada a Cidade de São Leopoldo, as primeiras levas de imigrantes vindos do sul da Alemanha (regiões do Hunsrück e Mosela). A colonização alemã no Rio Grande do Sul, na opinião de Giralda Seyferth (1988, p.7), até meados do século XIX, foi um processo dirigido, administrado e tutelado pelo Governo Imperial. O imigrante deveria ser um misto de colono e soldado, capaz de

colonizar as terras da Serra e do Planalto, fornecendo alimentos para a população urbana da Província e, ainda, capaz de garantir a proteção do território português nas terras “devolutas”² (WAIBEL, 1949, p.188). As regiões ocupadas pelos alemães podem ser caracterizadas como uma **zona pioneira**, no sentido que Waibel (1955, p.390) atribui “(...) a uma zona, mais ou menos larga, que se intercala entre a mata virgem e a região civilizada”.

Acredita-se que a estrutura social e econômica formada pelos colonos se caracteriza como uma “sociedade camponesa”, no sentido que Kroeber (1948 apud REDFIELD, 1956/1960) atribui a grupos sociais “(...) definitivamente rurais que, no entanto, vivem em relação com cidades-mercado; formando um segmento de classe de uma população maior (...) Eles constituem sociedades parciais com culturas parciais”. A partir dessa definição, analisar-se-á a sociedade colonial-camponesa como um “modo de vida” ao qual corresponde uma “forma de produzir e uma forma de sociabilidade” (MARX, 1986, p.27; WANDERLEY, 1990, p.4). A forma de produzir refere-se à organização do trabalho num processo produtivo que seja capaz de assegurar a subsistência da família, é a maneira pela qual os indivíduos que trabalham organizam os meios de produção para garantir a sua reprodução. A forma de sociabilidade refere-se ao modo pelo qual se estruturam as relações sociais que a família do colono-camponês estabelece com os elementos exteriores. A sociabilidade pode se dar através do parentesco, da solidariedade vicinal, da religião e das atividades lúdicas, ocorrendo em grau maior ou menor de acordo com a dimensão desses grupos e dependendo da diversificação social e da complexidade das relações que a família do colono estabelece com seu exterior.

A sociedade colonial formada pelos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul manteve esse modo de vida relativamente fechado durante mais de um século, somente vindo a ser desarticulado nas regiões de colonização antiga a partir de meados de 1950. O modo de vida dos colonos manteve-se solidamente ancorado ao processo de expansão da fronteira agrícola do Rio Grande do Sul como um todo. A forma de produzir adotada pelos colonos, ou o que também se pode denominar de “sistema produtivo colonial”, compreen-

² Na verdade, essas não eram propriamente terras “devolutas”, uma vez que nelas habitavam as nações indígenas dos caingangues.

dia basicamente três fases: o desmatamento, o arroteamento e a rotação de terras.³ Dois dos maiores estudiosos do processo de colonização e imigração alemã, Jean Roche (1969) e Leo Waibel (1955), concordam que o sistema produtivo colonial foi um dos principais elementos de perpetuação do caráter relativamente autárquico da sociedade colonial-camponesa, permitindo que sua reprodução ocorresse na mesma medida em que era possível expandir a zona pioneira. A partir das primeiras décadas deste século, após terem ocupado a Colônia Velha (por volta de 1920), os colonos dirigiram-se às Colônias Novas⁴.

Há um elemento fundamental que distingue a sociedade teuto-brasileira formada na Colônia Velha da que foi reproduzida nas Colônias Novas. Nas regiões colonizadas por imigrantes vindos diretamente da Europa (que ingressaram no País até por volta de 1890), o sistema produtivo colonial não se afirmou apenas sobre a base de uma agricultura. Nessa região, além da exploração da terra, os colonos imigrados da Europa praticavam outras **profissões**,⁵ por isso, desde sua chegada, a agricultura familiar colonial foi combinada com o artesanato rural. Essa íntima relação entre agricultura e artesanato permitiu que os colonos estabelecessem várias estratégias de garantia de sua reprodução social, aliando atividades complementares ao trabalho agrícola. Tal combinação era mais forte na fase do desmatamento e do arroteamento da terra, decrescendo à medida que a agricultura se espe-

³ Segundo Roche (1969, p.268) e Waibel (1955, p.472), a expansão da agricultura colonial seguiu quatro fases distintas: a adaptação em novas áreas, a expansão da zona pioneira, a especialização em poucos produtos e a regressão e o declínio. Entre os principais fatores limitantes do sistema produtivo colonial estão: os padrões de herança por partilha praticados entre os colonos (divisão total de propriedade entre o número de filhos), o esgotamento da fertilidade do solo e o arcaico sistema de rotação de terras.

⁴ Colônias Novas são as áreas colonizadas pelos descendentes dos imigrantes. As Colônias Novas situam-se na região norte-noroeste do Rio Grande do Sul, onde hoje se encontram as Microrregiões do Alto Uruguai, Missões e Planalto Médio. A Colônia Velha situa-se na região sudeste do Estado e é formada pelas Microrregiões do Vale do Sinos, Encosta da Serra, Vale do Caí e Vale do Taquari.

⁵ A maior parte dos imigrantes alemães que entraram no Brasil sequer tinham a agricultura como principal profissão. Em sua maioria, no seu país de origem, os colonos-camponeses eram proprietários de minúsculas parcelas de terra, o que os obrigava a praticarem outras atividades complementares à agricultura, como o artesanato e o trabalho temporário. Entre essas atividades, o artesanato do couro parece ter sido amplamente preponderante em relação às demais (WILLEMS, 1946; SEYFERTH, 1974; CARNEIRO, 1986).

cializava. Além da função de atividade econômica complementar, pode-se dizer que o artesanato e os ofícios rurais foram responsáveis pela ampliação da divisão social do trabalho na Colônia Velha e pela complexificação das relações sociais.

Junto com a agricultura e o artesanato, desenvolveu-se na Colônia Velha um vigoroso sistema comercial. Centralizado pela **venda rural** (casa de comércio), o comércio rural foi o principal mecanismo de contato da população colonial-camponesa com a sociedade gaúcha. Os colonos produziam e vendiam produtos agrícolas, como milho, feijão, mandioca e batata-inglesa, que eram levados e vendidos pelos comerciantes em Porto Alegre, de onde traziam os produtos manufaturados, como tecidos, ferramentas e produtos alimentares — sal, açúcar, café e outros — que não eram produzidos na Colônia. Os donos das casas de comércio tornaram-se ricos e poderosos, chegando até mesmo a controlar o desenvolvimento da economia colonial. De sua posição econômica emanava o prestígio e o *status*, atributos básicos à manutenção de seu poder junto à comunidade local. As relações comerciais cimentavam o modo de vida colonial, pois eram o elo de ligação do colono com o mercado, e consolidavam a divisão do trabalho da sociedade local.

O sistema comercial teuto-brasileiro foi de grande importância para o desenvolvimento da economia gaúcha. As regras estabelecidas pelos comerciantes influenciavam diretamente a forma de produzir dos colonos, sendo de tal modo significativas que delas dependia a própria definição do modo de vida colonial. Pode-se dizer, como lembra Abramovay (1992, p.115), que as relações mercantis mantidas pelos colonos-camponeses com a sociedade envolvente alteram a definição conceitual original desta: além de serem sociedades parciais com culturas parciais, tornaram-se, também, sociedades **“integradas de modo parcial a mercados imperfeitos”** (ELLIS, 1988, p.10).

A análise do modo de vida colonial não estaria completa se não se mencionasse a forma de sociabilidade que caracterizava essa “sociedade de interconhecimento” (MENDRAS, 1978). Um dos aspectos mais significativos da organização social da sociedade colonial teuto-brasileira é o “povoamento rural disperso”, forma de ocupação geofísica que levou à abertura de linhas e picadas, ao longo das quais os imigrantes foram estabelecendo suas moradias. Além da forma de ocupação geográfica, a etnia, a língua e as dificuldades de comunicação (falta de estradas, etc.) foram as responsáveis pela formação de sociedades com alto grau de endogamia e relativamente fechadas sobre si

mesmo até 1950. O caráter quase autárquico do modo de vida teuto-colonial era reforçado pelas intensas relações de parentesco e de religiosidade⁶. O *Kerb*, principal festa lúdico-religiosa realizada anualmente pelas diferentes comunidades ou povoados aglomerados (linhas ou picadas como são conhecidas) para agradecer ao santo padroeiro o sucesso e a fartura das colheitas e promover o reencontro de familiares e amigos, caracteriza com extrema fidelidade os traços da sociabilidade do modo de vida colonial.

A partir de meados do século XX, contudo, esse modo de vida, com seu tradicional sistema produtivo e sua sociabilidade, entrou em crise e paulatinamente foi desarticulado por um duplo processo de transformação estrutural da economia do Rio Grande do Sul. De um lado, estão as mudanças ocorridas na agricultura familiar e, de outro, encontra-se o processo de industrialização difusa do setor coureiro-calçadista.

3 - A industrialização difusa: o caso da indústria coureiro-calçadista

A industrialização difusa, responsável pelas transformações sociais e econômicas ocorridas no setor coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul, é um processo sócio-econômico que alterou profundamente a estrutura produtiva da região da Colônia Velha a partir do final da década de 60. Entende-se o processo de industrialização não apenas como um processo de mudança das relações de produção, da base tecnológica e do **modo de fazer** vigente em uma certa época, em uma determinada sociedade. A industrialização é entendida como um processo social que, além de demonstrar sua superioridade econômica sobre as demais formas de trabalho, afeta, significativamente, uma série de valores e instituições alheias à produção e ao mercado, como a tradição, a disciplina, os costumes e a etnia; enfim, o modo de vida vigente.

⁶ Embora houvesse duas religiões distintas, católicos e protestantes, seus seguidores toleravam-se mutuamente. Apesar de não serem indicados pelos patriarcas, houve inúmeros casos de matrimônio inter-religiões. Ver, a respeito, Amado (1978), Roche (1969) e Seyferth (1988).

Existem diferentes teorias que buscam explicar o processo de industrialização do Rio Grande do Sul. Destacam-se pelo menos três correntes distintas, dentre as mais importantes: a da industrialização por substituição das importações, da qual Paul Singer (1977) é o principal expoente; a que enfatiza o processo de expropriação dos colonos e de acumulação de capital realizado pelos agentes mercantis que atuavam como intermediários entre a economia agropecuária colonial e a Capital — ver, sobretudo, os trabalhos de Pesavento (1983, 1991) —; e uma última corrente, cujo principal expoente é Limeira Tejo (1946/1982), a qual sustenta que a industrialização gaúcha percorreu um caminho linear, uma evolução orgânica do artesanato às pequenas oficinas e destas à formação das grandes fábricas capitalistas.

A origem da indústria de calçados e das atividades diretamente a ela ligadas, como a do curtimento do couro, constitui-se num tema controvertido, cuja compreensão obrigou a recorrer-se a um conjunto de instrumentos analíticos que podem ser resumidos pela noção de industrialização difusa. Diferentemente das outras correntes, a noção de industrialização difusa (ou dispersa) opõe-se à idéia de que o surgimento da indústria está, necessariamente, ligado a um processo de concentração econômica num espaço por definição urbano ou numa cidade. Nessa acepção, a industrialização pode ocorrer sem que haja a formação de um mercado de trabalho específico (o **exército industrial de reserva**) e sem tomar como pressuposto que esse processo esteja associado à urbanização.

Quase desconhecida no Brasil, a noção de industrialização difusa tem se tornado uma alternativa de interpretação para o surgimento de regiões industrializadas de feições explicitamente locais e regionais na Europa Mediterrânea, em especial em países como Itália, França, Portugal e Espanha. Por suas características geoeconômicas (dispersão e pulverização numa pequena região, intensividade no uso de mão-de-obra), os processos de industrialização dessas regiões também têm sido denominados de **sistemas industriais localizados**.⁷

A origem da industrialização difusa e, por conseqüência, da formação dos sistemas produtivos localizados pode ser resumida, *grosso modo*, em dois

⁷ Não há uma definição única e consensual acerca dos sistemas produtivos locais. *Grosso modo*, pode-se defini-los como "(...) uma configuração de empresas concentradas em um espaço de proximidade em torno de um ou vários setores industriais. As empresas interagem entre si e com o meio sócio-cultural de inserção (...)". Ver, também, Courlet (1993); Garofoli (1993); Reis (1987, 1988) entre outros.

conjuntos de fatores. O primeiro deles se deve às transformações macroestruturais pós-fordistas dos países capitalistas centrais.⁸ A crise do padrão fordista de acumulação e as mudanças em curso nas economias industrializadas permitiram "(...) o aparecimento de novas localizações industriais e de novas estruturas produtivas, de preferência ancoradas em um território" (COURLET, 1933, p.9). O segundo conjunto de fatores refere-se à articulação da industrialização difusa com o ambiente sócio-econômico local, sobretudo nos espaços onde há uma história camponesa recente e uma estrutura fundiária caracterizada por pequenas propriedades agrícolas de administração familiar. A idéia de dispersão ou difusão tem sua origem no próprio processo de desenvolvimento industrial, no qual ocorre a disseminação de atividades industriais, em geral de pequeno e médio portes, em espaços também ocupados por outras atividades econômicas, majoritariamente a pequena agricultura (REIS, 1985). Não há corte entre o campo e a cidade como espaços de vida e de produção, mas um *continuum*, onde transcorrem relações de trabalho e de sociabilidade ao mesmo tempo.

Partindo do conjunto dessas formulações, estuda-se o setor coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul a partir de sua historicidade e de sua relação com o ambiente sócio-econômico local e regional e busca-se demonstrar qual a natureza dessa articulação e de que maneira ela contribuiu para seu desenvolvimento. Visto dessa maneira, acredita-se que o processo de industrialização do setor coureiro-calçadista escapa ao enquadramento em qualquer das teorias tradicionais da industrialização. Esse fato exige que se busquem as razões de sua pujança, sobretudo a partir de 1970, nas formas de sua inter-relação com a economia colonial teuto-brasileira — com o modo de vida dos colonos e com as estratégias locais de reprodução social da força de trabalho e na especificidade de sua articulação com a divisão internacional do trabalho.

⁸ Para os autores da Escola da Regulação, o **fordismo** é o modelo dominante de desenvolvimento do capitalismo a partir da década de 20 e, como modelo, assumiu uma **configuração mundial**, sobretudo a partir da II Guerra Mundial. O modelo fordista compõe-se de três aspectos fundamentais: primeiro, o paradigma tecnológico ou o modelo de industrialização — os princípios gerais que governam a evolução da organização do trabalho —; segundo, o regime de acumulação, ou seja, a estrutura macroeconômica que, por um período prolongado, descreve a compatibilidade entre as transformações nas normas de produção e as transformações nas normas de uso dos produtos sociais; e, terceiro, um modo de regulação, um conjunto de normas implícitas e de regras institucionais que permitem a combinação e o ajustamento dos agentes individuais aos princípios coletivos do regime de acumulação (LIPIETZ, 1988, p.12; 1991, p.105).

A industrialização do setor coureiro-calçadista no Rio Grande do Sul percorreu um longo caminho até conquistar, de fato, o **status de setor industrial**. Nessa trajetória, podem ser identificadas, basicamente, duas fases distintas. A primeira vai de 1890 a 1930 e é o período em que o artesanato do couro-calçado, apesar de pulverizado e praticado em pequenos ofícios rurais, conseguiu se autonomizar em relação às demais formas de artesanato rural. A segunda fase vai de 1930 a 1970 e representa um período de rápido crescimento das atividades ligadas ao artesanato do couro-calçados. Cresceu o número de estabelecimentos (em 1950 havia 471 e em 1960 havia 570 estabelecimentos de calçados no RS) e aumentou a ocupação de pessoal em cada unidade. Nessa fase, a região do Vale do Sinos, especialmente a Cidade de Novo Hamburgo, passou a ser o principal pólo produtor de calçados do Rio Grande do Sul.

Somente a partir do início da década de 70, contudo, é que o setor coureiro-calçadista assumiu feições verdadeiramente **industriais**. Dois fatores macroeconômicos convergem nesse processo. De um lado, o Estado brasileiro passou a exercer um papel decisivo no desenvolvimento das indústrias de bens manufaturados, pois, como salientou Oliveira (1988, p.73-85), os setores industriais que dependiam da capacidade de consumo das classes trabalhadoras (como têxteis, calçados, vestuário, etc.) sofriam uma aguda **crise de realização**. O baixo poder aquisitivo da população, resultante da corrosão do salário mínimo, obrigava o Estado a incentivar as exportações dos produtos manufaturados para dinamizar as indústrias desse setor. Por outro lado, em decorrência dessa política, as indústrias de calçados conquistaram uma fatia importante do mercado dos países capitalistas desenvolvidos (sobretudo dos EUA). Assim, o Brasil passou a ter as características típicas de um país daquilo que Lipietz (1988) chamou de **fordismo periférico**.⁹

A conquista desse **nicho de mercado**¹⁰ levou o setor coureiro-calçadista gaúcho a transformar rapidamente sua base tecnológica e sua estrutura

⁹ Os calçados exportados eram destinados (como ainda são), em sua grande maioria, às classes trabalhadoras desses países. Eram sapatos femininos, com pouca sofisticação estética e altamente padronizados em termos de modelos e cores.

¹⁰ Entre 1970 e 1974, mais de 90% das exportações gaúchas de calçados eram de sapatilhas femininas, com pouca variação de cores e modelos, destinados aos EUA.

produtiva, inaugurando-se um período expansionista da produção industrial somente comparável em termos econômicos ao **fenômeno soja**. As principais transformações, a partir dessa fase, ocorreram no processo de produção industrial. Introduziram-se os métodos da organização científica do trabalho (também conhecido como **taylorismo-fordismo**), mediante a utilização das transportadoras automáticas (esteiras), elevando-se significativamente a produtividade do trabalho, resultando daí uma rápida ampliação da acumulação de capital. As mudanças no processo produtivo aumentaram drasticamente a absorção de força de trabalho, esgotando-se, em pouco tempo, o contingente de trabalhadores disponível na região do Vale do Sinos. A partir de 1980, essas transformações se aprofundaram, e as notícias de **emprego à vontade** fizeram vir à região do pólo coureiro-calçadista milhares de **trabalhadores migrantes** (filhos de pequenos agricultores, parceiros, meeiros, sem-terras e outros) oriundos das regiões de modernização da agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Alto Uruguai, Missões, Grande Santa Rosa, etc.).

Ao longo da década de 80, ao mesmo tempo em que a indústria coureiro-calçadista apresentava um insuspeitado dinamismo, intensificando o padrão taylorista-fordista de produção através da automatização de fases do processo produtivo, crescia a tensão social resultante do processo de urbanização caótica e da superexploração do trabalho. Em razão disso, a partir de 1985, surgiram as primeiras lutas sindicais decorrentes das pressões políticas da organização dos trabalhadores. Além disso, nos últimos anos desse decênio, as indústrias de calçados foram levadas a introduzir novas formas de gestão e de organização dos processos produtivos (TQC, Just-in-Time, Kanban, Tecnologia de Grupos de Trabalho, etc.) em razão das demandas do mercado consumidor (maior qualificação, produtividade, etc.). Como consequência, surgiram estratégias peculiares de desenvolvimento industrial e de regulação das relações de trabalho. As fábricas passaram a flexibilizar os processos produtivos (polivalência), a descentralizar suas unidades produtivas para as zonas **periurbanas**, situadas nas regiões da Encosta da Serra, Vale do Caí e Vale do Taquari e a privilegiar o assalariamento dos filhos de colonos residentes em áreas próximas às empresas — **colonos-operários** —, por serem esses trabalhadores mais suscetíveis a controles disciplinares. O fato de o calçado poder ser produzido em partes ou por peças levou, por fim, à

rápida difusão dos **ateliers de calçados**, e, com estes, apareceram inúmeras formas de trabalho informal a domicílio.¹¹

É provável que essas variadas estratégias de desenvolvimento industrial e distintas formas de exploração da força de trabalho se intensifiquem ao longo dos anos 90. Ao que parece, o processo de industrialização difusa do setor coureiro-calçadista gaúcho tende a ampliar sua articulação com a economia local, especialmente com a pequena agricultura de produção familiar, visando consolidar o sistema produtivo local.

4 - De colonos a operários: as transformações da agricultura familiar

O processo de industrialização difusa não foi o único responsável pelo esgotamento do modo de vida colonial-camponês. É preciso notar que há fatores endógenos de significativa relevância que contribuíram para a desarticulação do sistema produtivo colonial. Trata-se, na verdade, de um processo social que altera a forma de produzir adotada pelos agricultores familiares. Dentre as principais causas do processo de desarticulação do sistema agrícola colonial das regiões do Vale do Sinos e da Encosta da Serra a partir da década de 70, podem-se destacar: a constante pressão demográfica (agravada pelos mecanismos de herança por partilha) sobre propriedades de reduzido tamanho; a impossibilidade de expansão da **zona pioneira**; a queda da rentabilidade e da produtividade agrícola, entre outras. Além disso, a forma de relação do colono com os agentes mercantis externos mostrava-se extremamente desfavorável ao pequeno agricultor, que sempre acabava repassando ao intermediário uma parcela de seu valor-trabalho (MARX, 1985, p.924).

A estrutura agrária gaúcha transformou-se como um todo a partir do início da segunda metade do século XX. *Grosso modo*, pode-se dizer que essa

¹¹ Em geral, essas atividades são terceirizadas e desempenhadas por inúmeros prestadores de serviço, que podem ser pequenas e microempresas ou até mesmo atividades sem registro legal algum, como é o caso dos trabalhos feitos nos domicílios. Esses prestadores de serviço são conhecidos na região como *Atelier* de Calçados. Parece que essa realidade também pode ser encontrada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, tal como mostram os estudos de Seyferth (1984, 1987, 1992) e de Anjos (1994).

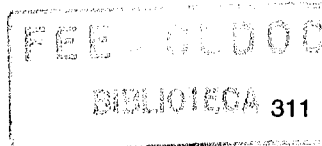
mudança tem uma dupla conotação. Enquanto, nas regiões norte e noroeste do Estado (também chamadas de Colônias Novas), se iniciou o processo de modernização da agricultura através da triticultura e, mais tarde (a partir de 1960), da sojicultura, na outra face, nas regiões da Colônia Velha alemã, a agricultura familiar, baseada no sistema produtivo colonial, entrou num processo de regressão e, lentamente, desarticulou-se como uma forma de produção.

Embora essas transformações da estrutura agrária representem dois processos sociais diferentes, é possível afirmar que ambos guardam entre si fortes semelhanças, pois: (a) são oriundos de um mesmo processo colonizatório; (b) possuem um passado camponês recente; (c) seus processos produtivos são alterados em função da dinâmica externa do setor industrial da economia; e (d), no bojo de sua transformação, grande parte da força de trabalho rural acaba se assalariando em mercados de trabalho urbano-industriais. Entretanto não são as similaridades que chamam atenção nessa comparação, mas a diferença entre os resultados e as conseqüências oriundos de cada processo. Enquanto a estrutura agrária das regiões de **modernização da agricultura** expulsa milhares de pequenos agricultores (parceiros, meeiros, arrendatários e outros), levando-os à proletarianização, nas regiões da Colônia Velha, ao contrário, mantém-se a prática da agricultura familiar tradicional. No entanto, nessas regiões, a desarticulação do sistema agrícola colonial dá lugar à emergência da *"part-time farming"* e da *"pluriactivité"*¹² da força de trabalho dos colonos, que se assalariam nas fábricas de calçados, embora permaneçam residindo e vivendo no espaço rural-agrário.¹³

Acredita-se que, para compreender e explicar as transformações da agricultura familiar das microrregiões da Colônia Velha alemã, mormente a emergência da pluriatividade e da agricultura de tempo parcial, se deve recorrer à análise das relações entre o processo de industrialização difusa do setor coureiro-calçadista e as novas formas de reprodução social dos pequenos

¹² Neste breve artigo não é possível fazer maiores digressões sobre a origem e a situação atual da *"part-time farming"* e de *"pluriactivité"*. Em razão dessa limitação, remete-se o leitor à bibliografia pertinente: Fuller (1983); Gasson (1986, 1984); Buttel e Larson (1982); e aos capítulos três e cinco de Schneider (1994).

¹³ A agricultura de tempo parcial ocorre nas situações em que pelo menos a metade da força de trabalho ativa da família não tem na propriedade rural seu principal local de trabalho e fonte de renda. Denomina-se de **pluriativos** os agricultores ou membros da família rural que, além de estarem ligados às atividades agrícolas, desempenham outro tipo de trabalho remunerado fora da propriedade. Ver, também, Gasson (1988); Fuller (1990).



agricultores (colonos). A referência ao processo de modernização agrícola da região sojicultora do Rio Grande do Sul interessa apenas sob o ponto de vista de uma de suas conseqüências mais significativas: o êxodo rural de parte dos colonos para a região do pólo coureiro-calçadista.

Como já foi visto anteriormente, foi graças à superexploração da força de trabalho dos migrantes que se proletarizaram nas regiões do Vale do Sinos e Encosta da Serra, sobretudo no período de 1975 a 1985, que o setor coureiro-calçadista vislumbrou novas estratégias de desenvolvimento industrial. O surgimento da categoria social dos colonos-operários e o estabelecimento de estratégias como o processo de descentralização e interiorização das fábricas de sapatos se viabilizaram tendo como prelúdio um processo de superacumulação capitalista resultante da exploração da mão-de-obra que **migrou** das regiões de modernização da agricultura. E é em razão dessa conjunção histórica e dos **resultados** da modernização agrícola com emergência de novas formas de expansão industrial e exploração do trabalho (colonos-operários e descentralização) que o processo de industrialização difusa do setor coureiro-calçadista se revelou um elemento decisivo à desarticulação do tradicional sistema produtivo colonial.

Isso posto, cabe observar que a desarticulação do sistema produtivo da região da Colônia Velha está ligada às relações desfavoráveis que o colono mantinha com os agentes mercantis externos. A sujeição do colono às regras comerciais, como preços, condições de pagamento, quantidades adquiridas, conduzia a uma constante transferência de valor da unidade produtiva agrícola. O agravamento dessa situação acabou por minar as formas tradicionais de reprodução do núcleo familiar, levando os membros da família rural a buscarem seus rendimentos em atividades extra-agrícolas, sobretudo através do assalariamento nas indústrias do setor coureiro-calçadista, e à reorganização dos processos produtivos através da emergência da **acaciocultura**. A partir da década de 80, a acaciocultura, silvicultura da acácia-negra, conquistou rapidamente um lugar de destaque na agricultura familiar da região e passou a ser a principal cultura comercial dos colonos.¹⁴

¹⁴ A casca da acácia-negra é utilizada como tanante vegetal no curtimento do couro, principal matéria-prima das indústrias de calçados. A madeira é utilizada, principalmente, como fonte de energia calorífica nos próprios curtumes da região. Como se percebe, a acaciocultura é uma atividade completamente integrada ao ciclo produtivo do complexo coureiro-calçadista.

Nessa nova forma de organização do processo produtivo da agricultura familiar, a acaciocultura assumiu as características de uma **cultura de abandono**. Na verdade, a idéia de abandono é uma forma de percepção do colono em relação ao processo de valorização da floresta. A partir do primeiro ano de plantio (num tempo de maturação que é de sete a oito anos), a acácia-negra dispensa cuidados de manejo e cultivo, o que, para o colono, representa um **abandono-produtivo**, uma vez que a área de terra ocupada com a floresta lhe permite um ganho sem implicar o consumo de trabalho e demais fatores produtivos. Uma vez que a propriedade está reflorestada, os agricultores buscam empregar-se em atividades extra-agrícolas, sobretudo como assalariados das indústrias do setor coureiro-calçadista. A acácia cumpre, assim, o papel de **remunerar o solo em pousio**, pois a floresta permite ao colono um rendimento monetário extraordinário e a recuperação biológica da fertilidade do solo.¹⁵ Outro aspecto que permite considerar a acaciocultura como uma cultura de abandono refere-se à representação simbólica do trabalho para o colono. Empregar-se em atividades não agrícolas significa, para o colono, trabalhar **menos** e desempenhar serviços mais **leves**, ao passo que o trabalho agrícola é percebido como penoso e sofrido, devido ao seu caráter extenuante. Portanto, deixar a agricultura para trabalhar na fábrica representa o abandono da penosidade em troca do trabalho **leve e limpo**, com rendimentos garantidos, independentemente das condições de clima, temperatura ou da fertilidade do solo, elementos aos quais os rendimentos agrícolas estão submetidos.

A crescente combinação da acaciocultura com o exercício de atividades não agrícolas no espaço rural transformou não só os processos produtivos agrícolas, mas, também, a estrutura agrária das regiões da Colônia Velha alemã. A partir de 1985, a pluriatividade da força de trabalho de origem colonial ganhou impulso ainda maior através da descentralização (interiorização) das indústrias de calçado nas regiões do Vale do Caí e do Vale do Taquari. Em alguns casos, a agricultura tornou-se uma atividade em tempo parcial, muito frequentemente associada a formas de pluriatividade e plurirendimentos da família rural. Nessa situação, a atividade agrícola não é mais a única e nem mesmo a mais importante fonte de renda dos colonos. A articulação do processo de industrialização difusa

¹⁵ A acácia-negra é uma árvore da classe das leguminosas, e uma de suas características mais importantes é a recuperação da fertilidade do solo através da fixação do nitrogênio na terra.

com as transformações na agricultura familiar levou ao aparecimento da pluriatividade das relações de trabalho. Com isso, quebrou-se a unidade entre a família rural e o local de trabalho agrícola, pois os membros de uma mesma unidade familiar podem ter diferentes empregos e fontes de renda.

5 - Os colonos da indústria calçadista: as novas relações de trabalho

Nesta seção, analisar-se-ão as novas relações de trabalho e as estratégias de acumulação capitalista decorrentes dos dois processos sociais apresentados acima: a industrialização difusa do setor coureiro-calçadista e as transformações na agricultura familiar. Como recurso analítico, elaborou-se uma “tipologia” a partir das distintas **formas de trabalho** e das **formas de produção** que caracterizam o tecido social e produtivo da região estudada. No modo de ser de cada uma delas, é possível encontrarem-se elementos que identificam sua trajetória com a da industrialização difusa do setor coureiro-calçadista e com as transformações na agricultura familiar. Essas formas de trabalho e de produção não são apenas categorias analíticas abstratas e também não têm por exclusiva função identificar determinado grupo de sujeitos sociais como **trabalhadores assalariados deste ou daquele segmento**. As novas formas de trabalho e de produção são aqui entendidas como estratégias de produção e de reprodução e como categorias de análise. Como estratégias produtivas concretas, elas podem estar destinadas à sobrevivência física de indivíduos e famílias ou utilizadas como meios de ampliar a acumulação capitalista das indústrias através da exploração da mais-valia dos trabalhadores. Como categorias de análise, elas “(...) estão dadas tanto na realidade efetiva como no cérebro, categorias que exprimem, portanto, formas de modos de ser, das determinações da existência (...)” (MARX, 1987, p.21).¹⁶

Nesse sentido, tanto os trabalhadores como os empresários são entendidos como **sujeitos sociais ativos**, isto é, acredita-se que cada qual estabelece

¹⁶ Tal como Marx, acredita-se que “(...) a categoria mais simples pode exprimir relações dominantes de um todo menos desenvolvido, ou relações subordinadas de um todo mais desenvolvido, relações que já existiam antes que o todo tivesse se desenvolvido, no sentido que se expressa em uma categoria mais concreta. Nesta medida, o curso do pensamento abstrato que se eleva do mais simples ao complexo corresponde ao processo histórico efetivo” (MARX, 1987, p.18).

suas estratégias de acordo com as condições e os recursos disponíveis. Ambos têm nas relações diretas de assalariamento e de mercado diferentes tipos de interesses, cuja satisfação depende das estratégias das quais lançam mão para garantir sua sobrevivência e sua reprodução;¹⁷ os primeiros como trabalhadores, e os outros como capitalistas, como personificação do modo capitalista de produção. Em última análise, tal como salientado por Azevedo, pode-se perceber o tecido social e produtivo do setor coureiro-calçadista como "(...) um conjunto de formas de produção, cujo dinamismo provém justamente da singularidade de sua organização" (AZEVEDO, 1993, p.98).

O estudo das formas de trabalho pretende caracterizar as diferentes estratégias utilizadas pelos trabalhadores para garantir sua reprodução social, enquanto a análise das formas de produção busca entender o modo pelo qual o capitalismo, personificado pelos empresários calçadistas e seus agentes, se serve dessas relações de trabalho para refinar a exploração do trabalho e consolidar sua hegemonia. Nossa tipologia compõe-se de cinco "situações-tipo" distintas. Há três tipos de relações de trabalho que são analisadas através do conceito de **formas de trabalho**: os "**operários antigos**", os "**migrantes proletários**" e os "**colonos-operários**". Há também duas **formas de produção** que são, ao mesmo tempo, estratégias de reprodução dos trabalhadores e estratégias de ampliação da acumulação de capital: a **descentralização industrial** e os **ateliers de calçados**. A rigor, sabe-se que, ao nível empírico, na realidade cotidiana, essa distinção não existe, pois os indivíduos e os agentes sociais e econômicos não agem enquanto "tipologias", mas como pessoas, através das relações sociais de trabalho e de produção.

O primeiro tipo de trabalhadores da indústria calçadista compõe o grupo dos "**operários antigos**". Na maioria das vezes, esses trabalhadores foram colegas de trabalho dos seus atuais patrões, a quem, por tradição e por laços pessoais, devem consideração, respeito e uma espécie de **fidelidade moral**. Nesse sentido, sua relevância não é dada pela sua quantidade numérica, mas pelo que representam na hierarquia existente dentro da fábrica. Geralmente, ocupam postos de chefia de seção ou cargos de confiança, o que lhes confere *status* e

¹⁷ Para o trabalhador, o assalariamento no mercado de trabalho urbano-industrial pode significar uma estratégia de sobrevivência ou de obtenção de salário. Para o capital, o assalariamento constitui a principal fonte da acumulação de valor.

prestígio. Sua influência sobre os demais trabalhadores é notória, por exemplo, no que se refere aos padrões disciplinares vigentes no interior da fábrica.

O segundo tipo são os “**migrantes proletarizados**”. Esse grupo compõe-se de indivíduos egressos do meio rural das regiões de modernização agrícola do Rio Grande do Sul, como o Alto Uruguai, Grande Santa Rosa e Missões. São indivíduos cujas condições de sobrevivência enquanto agricultores foram solapadas pelo processo de modernização agrícola. Em geral, são pessoas que possuem trajetórias pessoais e coletivas (famílias ou grupos sociais) com um traço comum a todos: a migração. Migram em várias direções: ora para áreas de fronteira agrícola do norte do País, ora reivindicando terras e ocupando áreas na condição de **sem-terras** e, na maior parte das vezes, dirigindo-se à periferia dos centros urbano-industriais como **proletários**, como é o caso do Vale do Sinos.

O terceiro tipo são os “**colonos-operários**” das regiões da Encosta da Serra, Vale do Taquari e Vale do Caí. Em sua grande maioria, são jovens, sobretudo mulheres, filhos e filhas de colonos que se assalariam **nas** fábricas de calçados. Mantêm suas residências no meio rural e deslocam-se **diariamente** aos empregos nas cidades, num movimento pendular de ida e volta. **Personificam** de modo mais acabado o processo de articulação social e econômica que **ocorre** entre o processo de industrialização difusa do setor coureiro-calçadista e a emergência da *part-time farming*. São, na verdade, os representantes mais legítimos de um tipo de trabalhador cada vez mais comum na região da ex-Colônia Velha: os **pluriativos**.

A partir do início dos anos 80, além de abarcar essa diversidade de formas de trabalho através do assalariamento direto, a indústria calçadista estabeleceu duas outras estratégias que são analisadas enquanto **formas de produção**. A primeira é a **descentralização** de partes ou fases do processo produtivo, como a costura, o pré-fabricado, a forração de saltos e outras partes, para fora da planta industrial. A descentralização é um processo de deslocamento, de interiorização das empresas de calçados em direção às áreas peri-urbanas, onde estão as pequenas comunidades rurais (também chamadas de picadas ou linhas). Essas unidades de produção secundárias ou filiais, como comumente são conhecidas, atraem a força de trabalho dos jovens colonos (principalmente mulheres) residentes nos pequenos lugarejos rurais. Entre os principais motivos que levam as empresas a se deslocarem para novas áreas, estão o baixo valor da mão-de-obra dos colonos e a reduzida mobilidade político-sindical, o que permite maior flexibilidade e maiores lucros às empresas.

A segunda estratégia das empresas de calçados é a “**terceirização**” (informalização) das relações de trabalho através da subcontratação de tercei-

ros para prestação de serviços, como a produção de peças ou partes dos sapatos que são altamente demandantes de mão-de-obra. Essas atividades são executadas pelos **ateliers de calçados**. Os *ateliers* são empresas prestadoras de serviço ou subcontratadas pelas fábricas de calçados para executarem, fora da planta industrial, as tarefas produtivas *labor intensive*. Após a confecção das peças, elas retornam às indústrias para seu acabamento final. As fábricas repassam a terceiros a confecção de peças dos calçados visando ao barateamento dos custos de produção e à diminuição dos encargos sociais e dos compromissos contratuais exigidos pelo assalariamento formal dentro da empresa. Essa estratégia atinge tanto as pessoas residentes no meio rural quanto aquelas que moram na periferia das cidades, inclusive as que não residem na região do pólo coureiro-calçadista. Em geral, as atividades são desempenhadas nos domicílios e utilizam uma força de trabalho que está fora do mercado formal de trabalho. O trabalho informal de mulheres, crianças e idosos é desempenhado em tempo-parcial como forma de ampliar as rendas do núcleo domiciliar.

Além de permitir que se estude a natureza das novas relações de trabalho que emergem da articulação da industrialização difusa com a pequena agricultura familiar local, a análise das diferentes **formas de trabalho** e de **produção** parece indicar uma segmentação no mercado de trabalho ligado ao setor coureiro-calçadista. A descentralização industrial e a informalização de um conjunto de atividades produtivas faz com que as relações de trabalho nem sempre sejam reguladas pela relação de assalariamento. Assim, pode-se dividir o mercado de trabalho do setor coureiro-calçadista entre os trabalhadores que são assalariados diretos das fábricas e aqueles que desempenham tarefas e prestam serviços para as indústrias.

Cada uma dessas cinco categorias sociais representa uma forma peculiar de regulação das relações de trabalho ou uma estratégia de acumulação do capital e de reprodução do trabalho. Com essa **tipificação**, pretende-se demonstrar como os dois processos sociais analisados anteriormente transformaram a estrutura produtiva, alteraram o conteúdo das relações sociais e modificaram a paisagem rural-camponesa da antiga zona colonial gaúcha. Ambos trouxeram significativas mudanças às formas de trabalho e aos processos produtivos, tanto das indústrias calçadistas como da pequena agricultura familiar. Do conjunto dessas transformações, surge uma articulação entre o processo de industrialização difusa do setor coureiro-calçadista e a agricultura familiar. Essa articulação se dá ao nível das novas relações sociais de trabalho e das estratégias de reprodução social e econômica dos colonos e das fábricas de calçados. A

industrialização difusa, ao ampliar o mercado de trabalho e ao criar novas formas de ocupação profissional, possibilitou, de um lado, a reprodução da agricultura familiar (mediante o emprego dos colonos nas fábricas de calçados) e, de outro, a exploração da mais-valia e a acumulação de capital.

6 - Considerações finais

As reflexões até aqui desenvolvidas obedeceram a um único propósito, qual seja, o de demonstrar, através de um processo histórico, como se deu a desarticulação do modo de vida camponês a partir de dois processos sociais e econômicos distintos (a industrialização difusa e as transformações na agricultura familiar). Desses processos sociais surgiram novas formas de produção e de reprodução baseadas em relações sociais e econômicas de caráter capitalista.

Essas relações constituem o “ser-em-si-mesmo”¹⁸ da atual sociedade e da economia das regiões do Vale do Sinos, Encosta da Serra, Vale do Caí e Vale do Taquari. Anteriormente, viu-se como, através de diferentes estratégias de acumulação de capital e de reprodução da força de trabalho, ocorrem, na prática, as articulações entre a agricultura familiar e o tecido produtivo industrial liderado pelo setor coureiro-calçadista. Mostrou-se como, em alguns casos, essas relações escapam à regulação formal do mercado de trabalho capitalista e como elas se articulam a outras formas de produção, como a pequena agricultura de produção familiar e o trabalho informal a domicílio, por exemplo.

Observou-se como os colonos de uma determinada região, em circunstâncias de crise econômica e de desarticulação social de um modo de vida, reorganizaram os mecanismos tradicionais de sua reprodução social sem promover uma modernização tecnológica nos processos produtivos e sem abandonar os **princípios rurais** que norteiam sua vida e sua sociabilidade. A análise das novas formas de trabalho e de produção dos colonos-operários demonstrou como o assalariamento em empregos extra-agrícolas (nas indústrias de calçados) permitiu que os colonos continuassem vivendo em suas propriedades e se relacionando com a comunidade local, não obstante terem

¹⁸ Para usar uma expressão de Lukács (1979).

sido modificados os padrões de organização do trabalho e da produção. A terra e o trabalho na agricultura tiveram seu sentido originário alterado e assumiram novas características valorativas e simbólicas. O modo de vida camponês deixou de existir em sua plenitude, mas, no entanto, alguns aspectos da sociabilidade camponesa foram revitalizados e se metamorfosearam num novo ambiente social e econômico, no qual participam e interagem as indústrias de calçados e a pequena agricultura familiar. A vida no campo, antes sinônimo de atraso e privação, passou a ser vista como um privilégio, quando comparada ao trabalho, à alimentação, à segurança e à qualidade de vida das sociedades urbanas contemporâneas. Nas regiões aqui estudadas, ao contrário de muitas outras do centro-sul do Brasil, lograram-se um recrudescimento social do espaço rural e o renascimento de uma pluralidade de atividades econômicas nem sempre ligadas à atividade agrícola.¹⁹ Esse fato mostra que, embora a modernização técnica da base produtiva seja o padrão dominante que assumiram as transformações sociais e econômicas da agricultura a partir dos anos 70, houve outras experiências de mudanças da estrutura agrária que ainda são pouco conhecidas das ciências sociais.

Esta pesquisa permitiu, também, constatar que as transformações que ocorreram no cenário rural-agrícola das regiões do Vale do Sinos e Encosta da Serra e, mais recentemente, no Vale do Caí e no Vale do Taquari não são apenas consequências da industrialização. A situação de estrangulamento em que se encontrava o sistema agrícola colonial, causado pelos condicionantes internos, levou a uma articulação entre o processo de industrialização difusa e as transformações da agricultura familiar através das novas formas de trabalho e de produção. Inegavelmente, como pôde-se averiguar, o capital penetra e transforma as formações sociais estranhas à sua lógica de funcionamento. Entretanto essa **desestruturação** nem sempre elimina as relações sociais e econômicas preexistentes. Esta é uma conclusão que se sustenta na constatação de que o capital (no caso, as indústrias de calçados) é seguramente o maior interessado na desarticulação das relações de produção não capitalistas, como o modo de vida colonial-camponês. No entanto, como se percebeu, em

¹⁹ Existem vários autores que acreditam que as transformações do espaço rural-agrícola, a partir da emergência da *part-time farming* e da **pluriatividade** das relações de trabalho, levam ao **renascimento** das características rurais desse espaço. Para maiores informações sobre esse debate, consultar Schneider (1994); Font (1988); Kayser (1988; 1990) e Giuliane (1991).

determinadas circunstâncias históricas a agricultura de produção familiar e a sociabilidade comunitária tradicionais não são estranhas à lógica capitalista.

No caso do processo de industrialização difusa do setor coureiro-calçadista, percebe-se a necessidade de uma interpretação distinta do processo de desenvolvimento do capitalismo. Constatou-se que industrialização combina várias formas de exploração do trabalho e que isso pode ocorrer, inclusive, através da inter-relação da indústria com o sistema econômico local, ou melhor, da pequena agricultura familiar de origem colonial com o setor coureiro-calçadista. Crê-se que se trata de um processo que, desde suas origens, esteve articulado com uma multiplicidade de formas de produção locais. E foi em função dessa forma específica de regulação das relações de trabalho que se estabeleceu a articulação da indústria calçadista com o sistema econômico local.

Acredita-se que essa forma específica de inter-relação entre as formas de trabalho e de produção das indústrias de calçados e dos pequenos agricultores seja a chave explicativa do vertiginoso crescimento econômico verificado ao longo da década de 80 nas regiões do pólo coureiro-calçadista e do aparecimento das novas estratégias de reprodução social dos colonos.

Bibliografia

- ABRAMOVAY, R. (1992). **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: UNICAMP/ANPOCS/Hucitec.
- AMADO, J. (1978). **Conflito social no Brasil: a revolta dos Mucker**. São Paulo: Símbolo.
- ANJOS, F. S. (1994). **A agricultura familiar em transformação: o caso dos colonos-operários de Massaranduba/SC**. Porto Alegre: UFRGS/IFCH. (Dissertação de mestrado.).
- AZEVEDO, B. R. Z. de (1993). A pequena produção manufatureira: uma interpretação à luz de uma nova problemática de desenvolvimento. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.14, n.1, p.94-117.
- BUTTEL, F. H., LARSON, O. F. (1982). Political implications of multiple job-holding in US Agriculture: an exploratory analysis. **Rural Sociology**, v.47, n.2, p.272-294.
- CARNEIRO, L. G. (1986). **Trabalhando o couro: do serigote ao calçado made in Brazil**. Porto Alegre: L&PM/ CIERGS.

- COURLET, C. (1993). Novas dinâmicas de desenvolvimento e sistemas industriais localizados. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v.14, n.1, p.9-26.
- ELLIS, F. (1988). **Peasants economics: farm households and agrarian development**. Cambridge: Cambridge University.
- FONT, J. N. (1988). El fenomeno neo-rural. **Agricultura y Sociedad**, Madrid, n.47.
- FULLER, A. M. (1983). Part-time farming and the farm family: a note for future research. **Sociologia Ruralis**, Netherlands, v.23, n.1.
- FULLER, A. M. (1990). From part-time farming to pluriactivity: a decade of change in rural Europe. **Journal of Rural Studies**, v.6, n.4, p.361-373.
- GAROFOLI, G. (1993). Industrialização difusa e pequena empresa: o modelo italiano dos anos 70 e 80. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v.14, n.1, p.49-75.
- GASSON, R. (1984). Farm women in Europe: their need for off farm employment. **Sociologia Ruralis**, Netherlands, v.24, n.3/4.
- GASSON, R. (1986). Part-time farming: strategy for survival? **Sociologia Ruralis**, Netherlands, v.26, n.3/4, p.365-375.
- GASSON, R. (1988). **The economics of part-time farming**. Longman England.
- GIULIANE, G. M. (1991). Neo ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.14, n.5, p.55-68.
- KAYSER, B. (1988). Renaissance rurale aux États - Unis? **Revue Économie Rurale**, n.183, jan./fev.
- KAYSER, B. (1990). **La renaissance rurale**. Paris: Armand Colin.
- LIPIETZ, A. (1988). **Miragens e milagres: problemas de industrialização no Terceiro Mundo**. São Paulo: Nobel.
- LIPIETZ, A. (1991). As relações capital: trabalho no limiar do século XXI. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v.12, n.1, p.101-130.
- LIMEIRA TEJO ver TEJO, Limeira
- LUCKÁCS, G. (1979). **A ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Ciências Humanas.
- MARX, K. (1985). **O capital: o processo global de produção capitalista**. São Paulo: DIFEL. Livro 3, cap.47.
- MARX, K. (1986). **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec.
- MARX, K. (1987). **Para a crítica da economia política: introdução**. São Paulo: Nova Cultural. (Coleção os pensadores).

- MENDRAS, H. (1978). **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar.
- OLIVEIRA, F. (1988). **A economia brasileira: crítica à razão dualista**. 6.ed. Petropolis/RJ: Vozes.
- PESAVENTO, S. J. (1983). **Agropecuária colonial e industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- PESAVENTO, S. J. (1991). **Os industriais da Republica**. Porto Alegre: IEL/ Mercado Aberto.
- REDFIELD (1956/1960). **Peasant society and culture**. Chigaco: Phoenix Books/ The University of Chigaco.
- REIS, J. (1985). Modos de industrialização, força de trabalho e pequena agricultura. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Portugal, n.15/17.
- REIS, J. (1987). Os espaços da industrialização: notas sobre a regulação macro-econômica e o nível local. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Portugal, v.22.
- REIS, J. (1988). Território e sistemas produtivos locais: uma reflexão sobre as economias locais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Portugal, v.25/26.
- ROCHE, J. (1969). **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo. 2.v.
- SCHNEIDER, S. (1994). **Os colonos da industria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul**. Campinas: UNICAMP/IFCH. (Dissertação de mestrado).
- SEYFERTH, G. (1974). **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento.
- SEYFERTH, G. (1987). Aspectos da proletarianização do campesinato no Vale do Itajaí/ SC: os colonos- operários. In: LOPES, J. S. L., org. **Cultura e identidade operaria**. São Paulo: Marco Zero.
- SEYFERTH, G. (1988). Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. **Revista BIB**, Rio de Janeiro, n.25, p.3-55.
- SEYFERTH, G. (1992). As contradições da liberdade: análise das representações sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.18, n.7, p.78-96.
- SEYFERTH, G. (1984). Camponeses ou operários? o significado da categoria colono numa situação de mudança. **Revista Museu Paulista**, São Paulo, v.29, nova serie.
- SINGER, P. (1977). **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Nacional.

- TEJO, Limeira (1946/1982). Contribuição à crítica da economia rio grandense. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.3, n.1, p.79-109.
- WAIBEL, L. (1949). Princípios da colonização européia no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: IBGE, v.11, n.2, p.159-217.
- WAIBEL, L. (1955). As zonas pioneiras do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: IBGE, v.17, n.4, p.389-417.
- WANDERLEY, M. N. B. (1990). **A produção familiar na agricultura brasileira**: notas preliminares para um estudo comparativo. Caxambu/MG: ANPOCS. (Encontro anual da ANPOCS, 14).
- WILLEMS, E. (1946). **Aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Nacional.

Abstract

This paper investigates new labor relations which developed from two different social processes that changed the way of life and the traditional peasant production system of the "colonos", of German origin, who historically occupied areas of old colonization in Rio Grande do Sul, like the micro-regions of "Vale do Sinos", "Encosta da Serra", "Vale do Caí, and "Vale do Taquari". These processes are diffuse industrialization and rapid changes in family-based farming. As a result, small units of production experienced substantial transformations in their land pattern of cropping and labor relations, also affected by diffuse industrialization implemented by leather and foot-wear industrial sectors which increasingly attracted migrants from surrounding rural areas. Eventually, a mode of articulation emerged from this productive development, fostering industrial growth on one hand and, on the other, completely transforming family farming in the region.